

A CRIAÇÃO DE NOVAS UNIDADES MORFOLÓGICAS: O CASO DE *BOLSO- E -NARO* – UMA ANÁLISE FUNCIONAL/COGNITIVA

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ/CNPq)

INTRODUÇÃO

Não constitui novidade alguma a criação de unidades morfológicas nas línguas naturais, e o português deu várias mostras disso ao longo de sua história. Vários são os exemplos de morfologização existentes na língua, pois muitos elementos, ao longo do tempo, tornaram-se afixos. Esse é o caso do sempre citado *-mente*, adverbializador de adjetivos, que se originou de uma palavra flexionada em gênero, o substantivo ‘mente’ (Basilio, 1998). Também já foram bastante abordados os prefixos oriundos de preposições, advérbios e conjunções, desde os casos mais antigos, como *inter-* e *ex-* (Rio-Torto, 2019), aos mais recentes, como *não-* (Campos, 2009) e *sem-* (Couto, 2003). Também não são raros os casos de sufixos que surgem por neoanálise¹, como *-ete* (Cândido, 2016), que, de não segmentável em ‘tiete’, passou a criar séries de palavras remetendo, como a palavra-fonte, à noção de fã: ‘neymarzete’, ‘luanazete’, ‘ronaldete’, ‘lulete’ etc.

1 Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010), entre outros autores, usam o termo neoanálise para descrever os novos usos linguísticos que, por sucessivos passos de mudança, levam à construcionalização, constituindo-se em novos pareamentos forma-significado.

Esses e outros casos já foram bem reportados na literatura, pois envolvem a criação de novos elementos de classes bem definidas (prefixos, sufixos etc.), aumentando o número de exemplares de uma dada categoria morfológica. Desse modo, não abordamos, aqui, apenas a criação de novos membros de uma categoria, mas também a formação de um tipo morfológico mais recente (Bauer, 2004), o *splinter*, que, por ora, pode ser genericamente definido como um fragmento lexical, ou seja, literalmente um pedaço (não morfêmico) de uma palavra, a exemplo das partes inicial e final do sobrenome do ex-presidente da República, *bolso-* e *-naro*, alvos de nossa análise neste texto. Procuramos fornecer uma análise dessas partículas com base na Morfologia Construcional (Booij, 2010), demonstrando como se deu o percurso para que se tornassem unidades morfológicas, ou seja, para que desencadeassem um processo de construcionalização (Traugott e Trousdale, 2013).

Os dados que sustentam a análise foram extraídos da antiga rede social Tweeter (atual X), de 2018 a 2024, e o *corpus* conta hoje com mais de 500 formações com *bolso-* e quase 250 com *-naro*. A opção por essa ferramenta se justifica pela busca por dados mais recentes em ambiente pouco monitorado e de natureza dialógica, o que é interessante, diante do caráter mais inovador das formações em exame. Essa rede social também dispõe de uma ferramenta de busca avançada, que permite melhor identificação das ocorrências.

O Twitter é uma fonte de busca mais produtiva em comparação aos demais *corpora* disponíveis, tendo em vista o caráter inovador dos itens investigados. Durante o processo de coleta e análise dos dados, foi possível observar não apenas os tuítes em que os construtos estavam presentes, mas também tuítes anteriores, *hashtags* utilizadas e o perfil dos usuários. Esses elementos revelaram fontes valiosas de informação cotextual e contextual. Antes de apresentar e analisar os dados, passemos, primeiramente, à definição de *splinter* e sua estreita correlação com os *blends*.

SOBRE *BLENDS* E *SPLINTERS*

O termo *splinter* foi inicialmente atribuído a partes arbitrárias de *blends*², como ‘bolso-neca’, que apresentaria um *splinter* final, *-neca*, e um inicial, *bolso-*, embora hoje não mais se interprete dessa maneira. Tal criação reflete uma crítica à atuação de Jair Bolsonaro durante seus 27 anos como deputado federal, tendo apenas dois projetos aprovados ao longo de seus vários mandatos:

Figura 1: ‘Bolsoneca’.



Fonte: Google Images.

Como aponta Fandrich (2008), truncamentos não morfêmicos também receberam o rótulo de *splinter*, a exemplo de ‘nazi’, que pode ser usado como forma livre no lugar de ‘nazista’. Esses encurtamentos, inclusive, podem aparecer combinados com outros *splinters*, dando origem a novos *blends*, como, por exemplo, o que aparece no site *Falando Verdades*, no qual o artista Fábio Porchat apresenta um vídeo com a venda de um pano de chão com o slogan ‘bolso-nazi genocida’³:

2 Há, na literatura sobre o português, inúmeros termos referentes a esse processo: (a) Cruzamento vocabular (Sandmann, 1990; Silveira, 2002; Henriques, 2007); (b) Palavra-valise (Alves, 1990); (c) Mistura (Sândalo, 2001); (d) *Portmanteau* (Araújo, 2000); (e) Amálgama (Azeredo, 2000; Monteiro, 1989); (e) Composição de partes de palavras (Steinberg, 2003); (f) Mescla vocabular (Álvaro, 2002); (g) Fusão vocabular – FUVES (Basilio, 2005); (h) *Blend* lexical (Almeida, 2005).

3 Disponível em: <https://falandoverdades.com.br/video-porchat-encontra-pano-de-chao-com->

Figura 2: ‘Bolsonazi’.



Fonte: Google Images.

A maior parte da literatura sobre *blends* apresenta(va) uma concepção linear das representações morfológicas e, por isso mesmo, interpreta(va) construções como ‘chafé’ como constituídas da combinação da palavra ‘chá’ com a parte final da palavra ‘café’. Da mesma maneira, ‘bolsocaró’ pode(ria) ser vista como constituída de uma parte não morfêmica da base ‘Bolsonaro’, *bolso-*, seguida da palavra *-caro*. Esse *blend* é oriundo de um período em que assistimos o aumento expressivo no valor da cesta básica, do combustível, do gás de cozinha e de outros itens de consumo:

Figura 3: ‘Bolsocaró’.



Fonte: Google Images.

-palavras-bolsonazi-genocida/. Acesso em 15 jul. 2024. Obviamente, iremos fornecer nova solução para essa análise preliminar, que se pretende mais didática.

Blends e *splinters* foram usados como termos diretamente relacionados, pois, numa interpretação linear, concatenativa, *splinters* são concebidos, na maior parte das definições, como “unidades morfológicas” envolvidas nos *blends*, como a encontrada em Algeo (1991, p. 56): “Às palavras que contêm *splinters* chamarei de *blends*”.

Os modelos não lineares, como a Morfologia Autossegmental (McCarthy, 1979) e a Morfologia Prosódica (McCarthy, 1986), concebem os *blends* como oriundos de processos não concatenativos de formação de palavras. Em linhas bem gerais, esses processos diferem dos aglutinativos pela falta de encadeamento. Nos processos concatenativos, um formativo se inicia exatamente no ponto em que outro termina, como em ‘auxílio-viagra’ (“benefício pago pelo cartão corporativo do governo para militares de alta patente das forças armadas”), ‘anti-Bolsonaro’ (“ações políticas contra o deputado Jair Bolsonaro”) e ‘bozista’ (“adepto do Bozo”, nome de um antigo palhaço do SBT, frequentemente usado como redução do sobrenome ‘Bolsonaro’). Nos processos não concatenativos, como é o caso dos *blends*, a sucessão linear estrita é rompida por reduções ou fusões, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina.

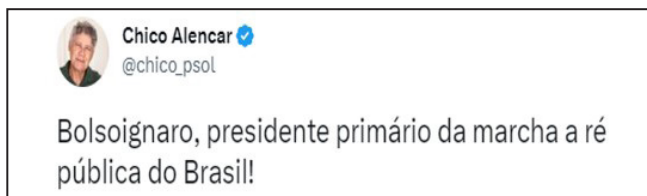
TIPOLOGIA DOS *BLENDS*

Como o espanhol, o português apresenta dois tipos de *blends*: (a) os *portmanteuau*, em que as formas de base se sobrepõem e compartilham um ou vários segmentos (cf. ‘Bolsonegador’, em que a sílaba <so> pertence às duas bases, ‘Bolsonaro’ e ‘sonegador’) e (b) os *telescopes*, em que há perda de massa fônica das duas palavras-matrizes (‘coronaro’) ou de apenas de uma (cf. ‘bolsomáfia’)⁴. Em nosso *corpus*, há casos em que as duas palavras

4 Também varia muito na literatura sobre o português o nome dos subtipos de *blends*: entranhamento lexical/combinação truncada (Andrade, 2008), FUVES (Basilio, 2005), *blend* morfológico/fonológico (Minussi e Nóbrega, 2014).

permanecem intactas e o *blend* é mais extenso que a maior forma de base, a exemplo de ‘bolsoignaro’, forma usada pelo agora Deputado Federal Chico Alencar (Psol) em seu *tweet* de 18 de maio de 2019. Nesse caso, a sequência fônica [‘na.rʊ] faz parte tanto do sobrenome do ex-presidente quanto do adjetivo ‘ignaro’.

Figura 4: ‘Bolsoignaro’.



Fonte: Google Images⁵.

As abordagens não lineares tiraram os processos não concatenativos da marginalidade e esse tipo de morfologia começou a despertar, cada vez mais, o interesse tanto de morfólogos quanto de fonólogos, pois esses mecanismos são casos claros de interface morfologia-prosódia: são governados por fatores como, por exemplo, a semelhança fônica das bases, o acento e a combinação de pés métricos.

Com a postulação da categoria *splinter*, fica claro que a fronteira entre o aglutinativo e o não concatenativo é mais tênue que parece, pois pode ser rompida se uma porção fonológica é usada com alta frequência de *token* na língua, sem necessariamente recorrer ao encurtamento ou ao compartilhamento de sequências fônicas. Tal é o que sucede com os dois pés métricos do sobrenome do ex-presidente, pois têm alta prolificidade, gerando famílias de palavras com muitos exemplares. Ao formar séries de palavras através do encadeamento – deixando, com isso, de ser mera parte não morfêmica de uma forma de base –, as porções recorrentes se comportam como unidades independentes, ou seja,

⁵ Disponível em: https://mobile.twitter.com/chico_psol/status/1129754438829260800. Acesso em: 02 fev. 2023.

como “morfemas de direito” (Booij, 2005). Desse modo, processos como truncamento, cruzamento e abreviação não podem ser considerados extragramaticais, como sugerem, por exemplo, Plag (1999) e Mattiello (2013), já que constituem fonte para a criação de *splinters*, como argumentam, entre outros autores, Baliaeva (2019) e Fandrich (2008).

SEPARANDO *BLENDS* E *SPLINTERS*

O *splinter* ganha estatuto de morfema a partir dos trabalhos de Bauer, autor que reserva esse nome apenas para partes recorrentes de cruzamentos ou encurtamentos. No seu Glossário de Morfologia (Bauer, 2004, p. 94), afirma que um *splinter* constitui “um fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras”. Em outro texto, Bauer (2005) afirma que tais partículas criam palavras em série, fazendo com que muitas delas tenham rentabilidade até maior que a de muitos afixos. De fato, muitos *splinters* têm altíssima rentabilidade, como é o caso de *-nejo*, que, na acepção de “ritmo musical”, responde por muito mais criações que o sufixo a que a nasal se incorporou, *-ejo* (Rosito de Oliveira, 2018).

Kastovsky (2009) aloca os *splinters* num *continuum* afixo-radical, mostrando que elementos equivalentes aos nossos *-tone* e *caipi-* se assemelham a afixos, pela produtividade e pela rigidez posicional, mas guardam características de radicais, pela alta densidade semântica, pois veiculam significados lexicais, mais densos semanticamente (Ralli, 2010).

Splinters podem ser criados na própria língua (nativos), como *choco-* e *-drasta*, ou terem sido importados de outra, maciçamente do inglês, como *cyber-* e *-tube*. Da mesma maneira que os afixos e alguns radicais neoclássicos, *splinters* podem ser finais ou iniciais, recorrendo nessas posições numa série de palavras. Exemplos de *splinter* final é *lé-*, certamente oriundo do *blend* ‘sacolé’, primeira

forma com que a palavra ‘picolé’ se combinou (Melo, 2021). Hoje, temos um padrão construcional do tipo $[[X]_{Si} l\acute{e}]_{Sj}$ ⁶ como se vê nos dados a seguir, extraídos de Melo (2021):

(02) sacolé – picolé embalado dentro de um saco, sem palitinho como suporte.

sucolé – sacolé feitos de sucos de frutas.

caipilé – caipirinha, feita de bebidas alcoólicas como com um picolé.

cachaçolé – nome da marca, bebida alcoólica – cachaça – com picolé

tequilé – picolé feito de tequila congelada no formato de picolé e limão.

chandolé – sacolé com espumante.

chopplé – um chopp tão gelado quanto um picolé.

bololé – sobremesa feita de bolo congelado feito picolé.

ticolé – *funk* a respeito do sacolé – outro nome para sacolé.

Caso bem representativo de *splinter* inicial é *caipi-*, formativo criado a partir das duas primeiras sílabas da palavra-fonte ‘caipirinha’, nomeação metonímia de uma típica bebida brasileira, tradicionalmente preparada com aguardente (cachaça), limão e açúcar. Os dados a seguir são de Gonçalves e Affonso Jr. (2022):

(03) caipi-uva – caipirinha feita com uva

caipi-kiwi – caipirinha feita com kiwi

caipi-seriguela – caipirinha feita com seriguela

caipi-vodka – *drink* feito com limão e vodka

caipi-whisky – *drink* feito com limão e *whisky*

caipi-sakê – *drink* feito com limão e sakê

caipi-vinho – bebida alcoólica que mistura caipirinha com vinho

6 Nessa representação, via Morfologia Construcional (Booij, 2010), [X] corresponde a uma sequência fonológica e S abrevia que essa sequência é categorizada como Substantivo. Os índices i e j, subscritos, indicam que ambas as formas pertencem ao léxico.

Da mesma maneira, há *splinters* não nativos, iniciais e finais, como bem mostrou Pires (2018). Em sua tese, chegou ao levantamento de quase vinte partículas do inglês em uso no português do Brasil, a maioria hibridismos que “criam esquemas de formação de palavras que acabam se conformando aos padrões construcionais existentes na língua” (Pires, 2018, p. 106). Alguns exemplos aparecem no quadro a seguir:

Quadro 1: *Splinters* não nativos em uso no português

Elemento	Forma de origem	Significado	Exemplos
-cast	Podcast	‘transmissão de conteúdos sob demanda’	Pagodecast sambacast futebolcast
ciber/cyber-	Cybernetics	‘avanços tecnológicos, área da computação’	ciberpolítica ciberjornalismo ciberdireito
e-	Electronic	‘por meio ou relacionado a meio eletrônico’	e-cigarro e-lixo e-livros
expo-	Exposition	‘exposição de’	exponoivas expolivros expobebês
-gate	Watergate	‘escândalo’	Temergate Globogate Collorgate
-gram	Instagram	‘compartilhamento de fotos e vídeos’	Dilgramam camisagram livrosgram
-leaks	Wikileaks	‘vazamento de informação’	PMDBleaks PSDBleaks Temerleaks
-pédia	Wikipedia	‘enciclopédia digital’	Lancepédia jornalpédia whiskypédia
-tube	Youtube	‘vídeo compartilhado na internet’	Brinquedotube comédiatube Deustube

Fonte: adaptado de Pires (2018, p. 106).

De acordo com Bauer (2005), *splinters* pertencem à morfologia paradigmática, em que são usados para formar novas palavras que têm algum tipo de ressonância ou semelhança com outras

palavras do léxico. Como lembra Martínez (2014, p. 67), *splinters* constituem “porções originalmente (principalmente) não morfológicas de uma palavra que foram separadas e usadas na formação de novas palavras com um novo significado específico”. Segundo Mattiello (2013), o processo que ocorre nesse tipo de formação de palavras é uma “substituição paradigmática”. Em outras palavras, “Monicagate originou-se da substituição de um primeiro nome na proporção analógica Billy (Carter): Billygate = Monica (Lewinsky): X (X = Monicagate)” (Mattiello, 2013, p. 10).

Como esses autores, assumimos que a analogia não é um fenômeno estritamente local, mas pode dar origem a séries produtivas e, quando pedaços de palavras se tornam recorrentes na criação de novas palavras, não há nada que possa retirar deles o estatuto de morfema. A seguir, apresentamos os dados e damos a eles um tratamento construcional.

REFORÇANDO A DIFERENÇA ENTRE BLEND E *SPLINTER*: BASES ANTROPONÍMICAS

O trabalho de Benfica da Silva (2019) foi o primeiro a focalizar cruzamentos envolvendo exclusivamente bases antroponímicas, embora vários autores tenham exemplificado o fato, mas sem chamar atenção para isso.

(04) formas antigas: Rubinho Burrichelo; Jeguerino Cavalcante;
Ladruf

(Assunção, 2006)
Rouberto (Jefferson); Adriana Gali-

nhisteu

(Almeida, 2005)

(05) formas novas: Suzana Velheira; Dilmãe; Neymar-
quezine
(Benfica da Silva, 2019).

No entanto, foi Gonçalves (2020), que analisou exclusivamente tanto o nome quanto o sobrenome do ex-chefe do executivo, quem listou, de 2018 a 2020, mais de 200 formações em série envolvendo a sequência inicial do sobrenome Bolsonaro. Os dados a seguir são de Benfica da Silva (2019):

(06) bolsominion bolsomito bolsotário bolsossauro bolsofilho

Desde 2018, estamos assistindo a uma proliferação de novas palavras envolvendo o sobrenome do então chefe do executivo. Em Gonçalves (2020), foram pouco mais de 200 as formações analisadas e esse número mais que dobrou de lá para cá; hoje, contamos com um *corpus* constituído de cerca de 550 construções (*types*; itens lexicais). Uma formação bastante recente é ‘Bolsonabo’. Há, no *Daylymotion* – plataforma de compartilhamento de vídeos que, como o *YouTube*, disponibiliza aos seus usuários materiais de conteúdos os mais variados –, filmes criados pelo imitador Márvio Lúcio abordando “causos” envolvendo o então presidente, aqui interpretado como sem gosto, como o nabo, raiz vegetal da mesma família que a mostarda.

Figura 5: ‘Bolsonabo’.



Fonte: Google Images.

Sem dúvida alguma, ‘bolsonabo’ pode ser considerada um cruzamento. Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são literalmente superpostas, de modo que vários segmentos são compartilhados. Dessa maneira, uma palavra aparece integral-

mente “dentro” da outra, pois a menor forma de base (‘nabo’) está totalmente contida na maior (‘Bolsonaro’), caso consideremos uma correspondência entre /b/ e /k/. Essa cunhagem revela que as bases, embora não sejam do mesmo tamanho, compartilham o mesmo acento (são paroxítonas) e porções fônicas idênticas ou equivalentes; as palavras se interpõem de tal modo, que geram, “no nível da palavra resultante, inúmeras relações de correspondência de um-para-muitos entre a forma cruzada e suas matrizes lexicais” (Gonçalves, 2023, p. 237), como se vê na representação abaixo, em que linhas sólidas indicam segmentos idênticos e linhas pontilhadas, correspondência parcial.

Figura 6: ‘Bolsonabo’.



Fonte: elaboração própria.

Como se vê, esses são casos emblemáticos de cruzamento, pois a estrutura métrica (número de sílabas) e a pauta acentual (alternância entre sílabas fortes e fracas) das formas de base são as mesmas. Além disso, há um ou mais segmentos fônicos em comum, o que constitui claro uso da ambimorfemia⁷. Nos dados a seguir, apresentam-se mais exemplos de *portmanteau*, usando a nomenclatura de Piñeros (2000):

7 A ambimorfemia é o “compartilhamento de unidades fonológicas (sons, sílabas, sequências) comuns a mais de um morfema em decorrência da interposição das palavras matrizes” (Piñeros, 2000, p. 51)., 2006, p. 23).

(07) Bolsonicho (sundial.thiagorsantana.com)
Bolsonojo (<https://twitter.com/hashtag/bolsonojo>)
Bolsonagem (<https://www.facebook.com> › Pages › Other › Community ›)
Bolsonada (<https://twitter.com/bolsonada>)
Bolsospício (picdeer.com/eucorrea_felipe)

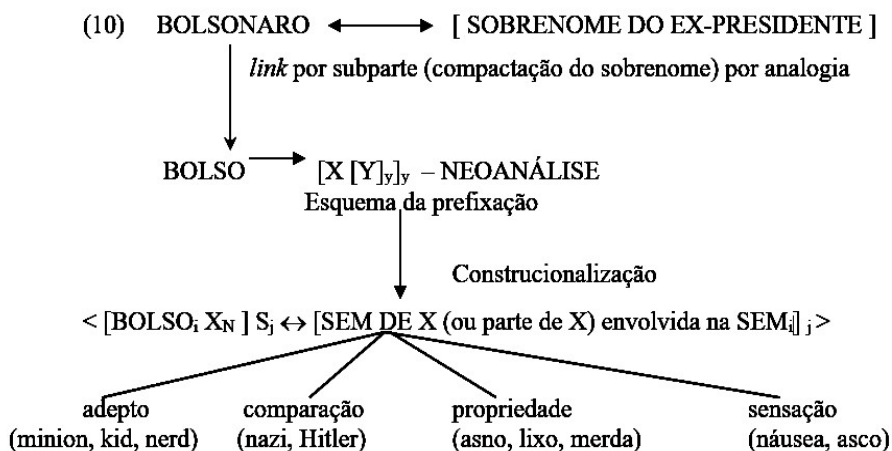
No entanto, há vários outros sem ambimorfemia, sendo as formações, por sua vez, caracterizadas como *telescopes*, ainda na terminologia de Piñeros (2000):

(08) Bolsoanta (<https://www.youtube.com/watch?v=Ba7KKmW-Ral>)
Bolsoasno (<https://pt-br.facebook.com> › Páginas › Figura pública › Jair)
Bolsobesta (<https://twitter.com/hashtag/bolsobesta>)
Bolsobosta (<https://pt-br.facebook.com> › Páginas › Mídia › BolsoBosta)
Bolsoburro (<https://twitter.com/hashtag/bolsoburro>)
Bolsodemo (geradormemes.com/meme/pcokqg)
Bolsofake (<https://pt-br.facebook.com/Bolsofake/>)
Bolsolábia (<https://www.trendsmapp.com/twitter/tweet/1063167973400166401>)
Bolsolixo (<https://pt-br.facebook.com/BolsolixoNews/>)
Bolsolama (<https://twitter.com/hashtag/bolsolama>)
Bolsomerda (<https://twitter.com/hashtag/bolsomerda>)
Bolsonada (<https://twitter.com/bolsonada>)
Bolsotrupp (<https://twitter.com/hashtag/bolsotrupp>)

O principal argumento de que estamos diante de uma formação com *splinter* (e não de cruzamentos isolados) está nos dados em (09) a seguir. Observe-se que o produto não corresponde a uma única palavra prosódica, pois as bases adjungidas à direita são grandes demais. A maior parte dos autores defende que *blends* diferem de compostos justamente nesse aspecto: a realização numa única palavra fonológica (cf., p. ex., Araújo, 2000; Basilio, 2005; Andrade, 2009).

(09) Bolsoditador (<https://twitter.com/hashtag/bolsoditador>)
Bolsoestupro (<https://twitter.com/hashtag/BolsoEstupro?src=hash>)
Bolsodesconjuro (<https://oglobo.globo.com> › Brasil)
Bolsoladrão (<https://twitter.com/hashtag/bolsoladrão>)
Bolsolunático (<https://twitter.com/cynaramenezes/status/1056331421743235073>)
Bolsomalvado (<https://www.dicionarioinformal.com.br/bolso-minion/>)
Bolsoquadrilha (<https://www.imgrumweb.com/hashtag/bolso-quadrilha>)
Bolsoréu (<https://twitter.com/hashtag/bolsoréu>)
Bolsotroglodita (<https://twitter.com/hashtag/bolsotroglodita>)
Bolsoviolência (<https://www.facebook.com/pages/category/Bolsoviolência->)
Bolsocaixa 2 (<https://twitter.com/hashtag/bolsocaixa2>)
Bolsofascista (<https://twitter.com/hashtag/bolsofascista>)
Bolsomiliciano (<https://twitter.com/hashtag/bolsomiliciano>)

Como se vê, em comum, as palavras apresentam apenas a sequência ‘bolso’, que parece funcionar como ativador do antropônimo ora em foco. Ao que tudo indica, temos, aqui, uma espécie de zipagem (compactação), nessa sequência, do significado do todo (o sobrenome do ex-presidente) combinada com outro tipo morfológico: (a) uma palavra nativa (‘bolsotroglodita’) ou não nativa (‘bolsonerd’); (b) um radical neoclássico (‘bolsocracia’, ‘bolsopata’); (c) outro *splinter*, nativo (‘bolsolão’) ou não (‘bolso-gate’). A parte inicial das formações complexas pode ser chamada de *splinter* e tal solução é bem mais econômica que a postulação de três diferentes casos de cruzamento para acolher dados tão semelhantes do ponto de vista estrutural. A repetição sistemática de *bolso-* deixa um *slot* vazio à direita e cria um padrão construcional de herança por subparte, já que a sequência *bolso-* é, de fato, um pedaço do antropônimo de onde se desgarrou. Temos, portanto, um esquema produtivo do tipo $[[bolso]_{si}-X]_{sj}$:



Na representação, *bolso-* é, literalmente, uma porção (não morfêmica) do sobrenome do ex-chefe do executivo e herda da construção-mãe não apenas o significado, como, também, sua representação fonológica, compactando a forma original. De acordo com Gonçalves e Almeida (2014, p. 178), em morfologia, essa é uma relação de herança por subparte, uma vez que uma parte evoca o significado do todo. Como *bolso-* recorre na margem esquerda, enquadra-se no esquema da prefixação, mecanismo categorialmente neutro, por não promover alteração na etiqueta lexical do produto. Vemos, portanto, a utilização de dispositivos como neanálise, produtividade, esquematicidade e, finalmente construcionalização.

A construcionalização constitui processo de mudança linguística cujo resultado vem a ser um novo pareamento forma-função na língua, de natureza mais procedural e de modo gradual, isto é, “através de uma sucessão de neanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas ao longo do tempo” (Traugott; Trousdale, p. 2013, p. 22). Portanto, as formações com *bolso-* passam a se sustentar por um padrão construcional que responde por vários *tokens* na língua. A partir do ajuste focal (Langacker, 1987) com

a palavra com que se combina⁸, as formações podem evocar diferentes significados, como se vê no final da representação.

Todas as formações aqui apresentadas podem ser descritas através do esquema proposto em (10). Podemos afirmar, com isso, que todas as construções arroladas são instanciações desse esquema – o que nos possibilita descartar a existência de *blends* formados de outros *blends*. *Blends* constituem combinações vocabulares isoladas, como ‘bolcejo’ (<< ‘Bolsonaro’ + ‘bocejo’) e ‘boçalnada’ (<< (Bolsonaro = ‘boçal’) + ‘nada’), cujos constituintes (se é que assim podemos nos referenciar à estrutura morfológica dessas palavras) de modo algum recorrem. Formações com *splinters*, como as aqui listadas, apresentam um elemento recorrente à esquerda, o que, de certo modo, lhes dá o direito de reivindicar (a) a existência de concatenação e (b) estatuto morfológico próprio.

A análise de Gonçalves (2020) incidiu apenas nas formações *bolso-X*, uma vez que foram poucas as ocorrências recorrentes com a parte final do sobrenome Bolsonaro. No entanto, hoje presenciamos também a criação de *-naro* como *splinter* alternativo a *bolso-*:

(11) Boçalnaro (Benfica da Silva, 2019)

Bocónaro (Melo, 2019)

Bozonaro (Melo, 2021)

Bozó-naro (PIRES, 2019)

Bichonaro (Melo, 2021)

Bobonaro (Melo, 2021)

Bestanaro (Benfica da Silva, 2019)

Milicinaro (Melo, 2021)

Chamamos atenção para três formações extremamente recentes que não podem ser consideradas *blends* e evidenciam a

8 O termo “ajuste focal”, tal como empregado por Langacker (1987), remete a um conjunto de mecanismos responsáveis pela nossa capacidade de conceptualizar uma mesma situação de diferentes maneiras. No âmbito da morfologia, trata-se de uma propriedade de nosso mecanismo conceptual de compatibilizar o significado de unidades morfológicas, oferecendo diferentes maneiras de enquadrar um mesmo cenário.

emergência do *splinter -naro*. A primeira é ‘satânaro’. O manifestante escreve as duas formas separadamente, o que nos autoriza afirmar que ele entende estar diante de duas palavras fonológicas: o choque de acentos e a existência de duas nasais contíguas justificam essa hipótese.

Figura 7: ‘Satânaro’

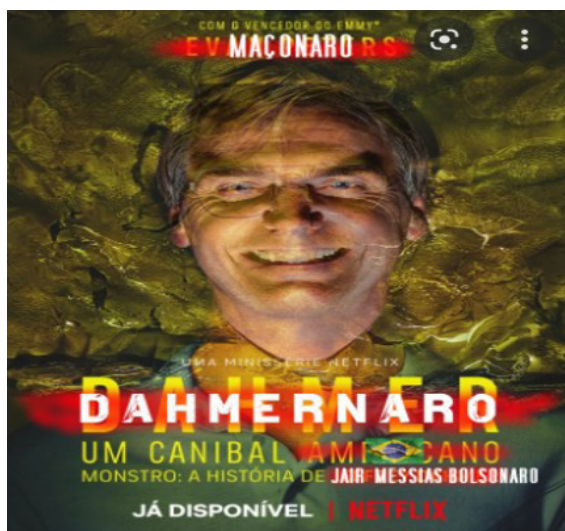


Fonte: Google images.

Outras duas formações que justificam a emergência de *-naro* como *splinter* usado em referência ao ex-presidente são ‘maçõnaro’ e ‘dahmernaro’. No cartaz a seguir (Fig. 8), o conceitualizador associa o *serial killer* e antropófago Jeffrey Dhamer, que assassinou e canibalizou 17 rapazes, tornando-se, inclusive, série na plataforma *Netflix*, com um evento em que Bolsonaro declara publicamente que teria comido um índio. Em entrevista ao jornal americano *The New York Times*⁹, o então deputado federal afirmou que só não comeu carne humana de um indígena em Surucucu porque “ninguém quis ir com ele”. A imagem também explora a suposta ligação do ex-presidente com a maçonaria, fato muito comentado durante o segundo turno das eleições de 2022 que viralizou na *Internet*:

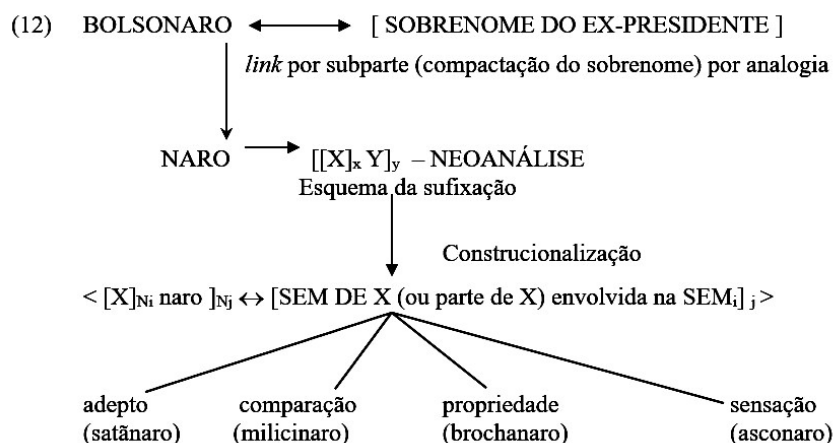
9 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/05/video-de-bolsonaro-dizendo-que-comeria-carne-de-indigena-viraliza-na-web.htm?cmpid>. Acesso em: 05 abr. 2023.

Figura 8: ‘maçonaro’ e ‘dahmernaro’



Fonte: Google images.

Novamente, temos aqui uma parte do sobrenome do ex-presidente usada repetidamente em novas cunhagens. A recorrência de *-naro*, um *splinter* final, deixa um *slot* vazio à esquerda, o que possibilita o preenchimento por qualquer outro nome, adjetivo ou substantivo, próprio ou comum, criando o padrão construcional *X-naro*, numa neoanálise do esquema da sufixação:



Evidência da natureza de *-naro* como *splinter* é a possibilidade de se adjungir (1) a outras formas combinatórias (a maioria radicais neoclássicos, como ‘antroponaro’¹⁰) e (2) a pedaços de palavras, como acontece com ‘pedofinaro’, cunhagem criada em decorrência de outro escândalo nas eleições de 2022: a fala¹¹ de Bolsonaro sobre adolescentes venezuelanas, o que gerou *tweets* como os seguintes:

Figura 9: ‘pedofinaro’.



Fonte: postagens no *Tweeter*.

Como se observa, *bolso-* concorre com *-naro* na formação de novas palavras, tendo o primeiro mais rentabilidade que o segundo, por responder pelo dobro das inovações lexicais. Boa evidência de que o falante dispõe de dois *splinters* para criar nomes em referência ao ex-presidente é a oscilação entre as formas ‘bolsociro’ e ‘cironaro’, ambas constituindo crítica direta ao comportamento de Ciro Gomes que, ao continuar criticando o atual governo,

10 Nova vinculação ao evento do canibalismo, já comentado.

11 “Eu estava em Brasília, na comunidade de São Sebastião. Parei a moto numa esquina, tirei o capacete e vi umas meninas, três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas no sábado. Vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, eu voltei. ‘Posso entrar na sua casa?’. Eu entrei”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/o-comentario-de-bolsonaro-que-o-associou-a-pedofilia/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

aproxima-se, segundo os conceptualizadores, ideologicamente de Bolsonaro em termos de temperamento e postura.

Figura 10: ‘bolsociro’ e ‘cironaro’.



Fonte: Google images.

PALAVRAS FINAIS

Segundo Basilio (2005), formações como as aqui analisadas “não são formações inocentes, ao contrário, têm a função de nos levar a considerar novas (ir)realidades, seja pela contradição, seja pela maximização da força simbólica de elementos já existentes” (Basilio, 2005, p. 505). Sem dúvida alguma, é isso que ocorre nas cunhagens aqui apresentadas, que indicam “intenções, sentimentos e atitudes dos falantes” (Andrade, 2009, p. 196), além de gerar sensação de desvio, “causando a noção de algo inesperado e, não poucas vezes, manifestam humor, deboche, escárnio e ironia – sendo então, neste caso, eficazes para ridicularizar a imagem de determinadas pessoas, bem como provocar o riso em outras” (Benfica da Silva, 2019, p. 123).

Não é possível definir por quanto tempo durará a prolifidade de *bolso-* e *-naro* na criação de novas palavras. No entanto, uma ou outra formação pode vingar, denunciando um momento socio-histórico de muita turbulência no país e de enorme desprezo pela figura do ex-presidente por grande parte da população brasileira, uma vez que as criações são esmagadoramente depreciativas.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, V. *An introduction to modern English word formation*. London: Longman, 1973.
- ALGEO, J. Blends, a structure and sistematic view. *American Speech*, Durham, v. 52, p. 47-64, 1977.
- ASSUNÇÃO, F. P. *Cruzamentos vocabulares: efeitos expressivos e padrões estruturais na coluna de Agamenon*. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: FEUC, 2006.
- ALVARO, P. T. *Nas raias da recategorização léxico-semântica: uma análise sócio-cognitiva da combinação lexical em português*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português: aspectos semântico-cognitivos. In: N. S. M.; M. C. M. (org.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, v. 1, p. 157-170, 2005.
- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: estudo otimalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. In: C. GONÇALVES, C. A. et al. (org.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do Português*. Rio de Janeiro: Publit Soluções editoriais, 2009. p. 123-145.
- ANDRADE K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? *DELTA*, São Paulo, 32 (4), 2016.
- ARAÚJO, G. A. Morfologia não concatenativa: os *portmanteaus*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 39 (2), 2000.
- AZEREDO, J. C. de. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. Conferência apresentada no *IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: UFBA, 10-13 de outubro de 2005.
- BASILIO, M. Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. *DELTA*, São Paulo, 14 (spe), 1998.
- BAT-EL, O. Blend. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Second Edition, v. 2, Oxford: Elsevier, 2006. p. 66-70.
- BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: DRESSLER, W. et al. (ed.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 97-108.

- BAUER, L. *A glossary of morphology*. Cambridge: CUP Press, 2004
- BALIAEVA, N. Blending creativity and productivity: on the issue of delimiting the boundaries of blends as a type of word formation. *Lexis – Journal of English Lexicology*, Lyon, 14 (1), 2019.
- BENFICA DA SILVA, V. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BRAGA, E.; PACHECO, V.; ROCHA, W. A relação entre conhecimento, uso e faixa etária de blends por falantes nativos do PB. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 205-224, 2022.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CAMPOS, L. O desenvolvimento do prefixo não. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, HF.; SOLEDADE, J. (org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 247-271.
- CÂNDIDO, B. F. *O sufixo -ete no português brasileiro contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- CANNON, G. Blends in English word formation. *Linguistics* Berlin, 24 (4), p. 725-753, 1986.
- COUTO, H. H. do. A prefixação no crioulo guineense: desfazendo e refazendo ações. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, Zurich, n. 1, p. 161-175, 2003.
- DANKS, D. *Separating blends: a formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. Liverpool: University of Liverpool, 2002.
- DOBROVOLSKY, M. Malay blends - CV or syllable template? *Calgary (Working) Papers in Linguistics*, Calgary, v. 23, p. 12-29, 2001.
- FANDRYCH, I. Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings, *Lexis – E-Journal in English Lexicology*, Lyon, v. 2, p. 105-123, 2008.
- GONÇALVES, C. A. V. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020.
- GONÇALVES, C. A. V. Por uma visão compreensiva do cruzamento vocabular. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; LOPES, Monclar. *Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas: Pontes, 2023. p. 221-250.

GONÇALVES, C. A. V.; AFFONSO JR., M. R. Das caipivodcas às caipitours: um estudo sobre o splinter caipi- à luz da Morfologia Construcional. In: SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2022, v. 1. p. 237-258.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.

HENRIQUES, C. C. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McCONCHIE, R. W.; HONKAPOHJA, A.; TYRKKÖ, J. (ed.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis* (HEL-LEX 2). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13, 2009.

LAUBSTEIN, A. S. Word blends as sublexical substitutions. *Canadian Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 44, n. 2, p. 127-48, 1999.

MCCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, n. 12, v. 3, p. 373-417, 1986.

MCCARTHY, J. *Formal problems in semitic phonology and morphology*. Ph.D. Dissertation, MIT, Cambridge, MA, 1979.

MARTÍNEZ, C. Morfologització i semantització. El *blending*, un recurs de creativitat lexicosemàntica dels aprenents de català en l'Educació Secundària Obligatoria. *Revista Internacional d'Humanitats* - Univ. Autònoma de Barcelona, Barcelona, n. 31, v. 1, mai-ago, p. 65-78, 2014.

MATTIELLO, E. *Extra-grammatical Morphology in English: abbreviations, blends, reduplicatives and related phenomena*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013.

MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 161-184, 2014.

MELO, C. N. de. *Estudo sobre os splinters nativos do português contemporâneo*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2021.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Pontes, 1989.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PIRES, J. A. O. *Uma abordagem construcional dos splintes não nativos em português*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

PLAG, I. *Morphological Productivity*: structural constraints in English Derivation. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

RIO-TORTO, G. M. *A prefixação no português contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2019.

ROSITO DE OLIVEIRA, A. C. *As formações X-nejo no português: uma análise morfossemântica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

SÂNDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v. 1, 2001. p. 181-206.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

SILVEIRA, C. M. F. da. *Cruzamento Vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

STEINBERG, M. *Neologismos de língua inglesa*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

ŠTEKAUER, P. On Some Issues of Blending in English Word Formation. *Linguistica Pragensia*, Praga, v. 1, p. 26-35, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: OUP, 2013.

VIVAS, V. M.; MORAIS, M. A. A morfologia faz sentido: integração entre texto, leitura e análise morfológica. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 550-568, 2021.